

PRÁTICAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: uma reflexão

Raquel Mara Lopes Correia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

raquelmlcorreia@yahoo.com.br

RESUMO

No curso de Especialização em Educação Musical da Escola de Música do Rio Grande do Norte (EMUFRN), módulo Educação Inclusiva no Ensino da Música, foi possível experienciar diferentes práticas educacionais inclusivas com o ensino de música. A riqueza das atividades desenvolvidas nos permitiu uma reflexão sobre as possibilidades que os professores tem, no campo da educação escolarizada, para conquistar e oportunizar momentos de ensino inclusivo, independentemente de ocorrerem em aulas de “educação musical”. Este artigo pretende abordar a temática de educação inclusiva na educação básica - nível de ensino fundamental, refletindo sobre possibilidades musicais educativas que podem ser compartilhadas em classes com alunos inclusos.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Educação musical. Educação básica.

1 INTRODUÇÃO

Durante o Módulo Educação Inclusiva no Ensino da Música, orquestrado pela Professora Msc. Catarina Shin, realizado na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EMUFRN, período de 07-12/03/16, foi-nos oportunizado a vivência de práticas musicais inclusivas que valem ser destacadas e pontuadas tanto como objeto de reflexão, quanto de sugestão para práticas inclusivas futuras.

Iniciamos o módulo realizando uma enquete sobre o “Julgamento da Inclusão”, onde dois grupos passaram a defender seus pontos de vista sobre a temática inclusiva, um grupo, considerando pontos favoráveis e, outro, pontos contrários à inclusão escolar.

Iniciar um módulo assim, foi muito produtivo, discutindo, com um viés prático, sua temática. A proposta levou o grupo de alunos a uma reflexão mais profunda sobre a abordagem inclusiva: Da exclusão à inclusão, passando pelos estágios da segregação e integração. Incluir quem? Como? Por quê? Para quê?

72

Ao longo dos encontros o grupo foi levado a refletir sobre outros aspectos necessários à educação musical inclusiva, no tocante aos principais problemas enfrentados por pessoas com deficiência na educação musical e ao planejamento de aulas para o ensino inclusivo.

Aspectos como fonte sonora, som e silêncio; altura, melodia e harmonia; intensidade, duração e ritmo; formas musicais, e apreciação da obra também foram explorados. Para cada aspecto foram realizadas atividades práticas, como possibilidades para o trabalho com educação musical inclusiva.

Este artigo visa refletir sobre as diferentes possibilidades que os professores tem, no campo da educação escolarizada, para oportunizar momentos inclusivos nos planejamentos e aplicação dos mesmos em aulas, independentemente de serem aulas de “educação musical”.

2 UMA BREVE CONCEITUALIZAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Encontramos em fontes como sites e revistas, aportes explicativos que intentam conceituar educação inclusiva. Genericamente, a conceituam como:

1- (...) diversidade inerente à espécie humana, buscando perceber e atender as necessidades educativas especiais de todos os sujeitos/alunos, em salas de aulas comuns, em um sistema regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos (<https://pt.wikipedia.org> > acesso em 16/03/16).

2- Educação inclusiva compreende a Educação especial dentro da escola regular e transforma a escola em um espaço para todos. Ela favorece a diversidade na medida em que considera que todos os alunos podem ter necessidades especiais em algum momento de sua vida escolar (...) significa educar todas as crianças em um mesmo contexto escolar (Alonso, <http://revistaescola.abril.com.br>).

3- (...) educar todas as crianças em um mesmo contexto escolar. A opção por este tipo de Educação não significa negar as dificuldades dos estudantes. Pelo contrário. Com a inclusão, as diferenças não são vistas como problemas, mas como diversidade. É essa variedade, a partir da realidade social, que pode ampliar a visão de mundo e desenvolver oportunidades de convivência a todas as crianças (CARVALHO, 2005).

4- Educação inclusiva é uma resposta inteligente às demandas do mundo contemporâneo (MENDES, 2012).

Tais definições não ficam à margem dos reais conceitos referentes às tendências atuais, já que educação inclusiva foi estabelecida em 1994, a partir da Declaração de Salamanca, tendo como ideia principal que crianças portadoras de necessidades educativas especiais estivessem incluídas em escola de ensino regular.

73

Compreendemos que a educação é um direito de todos, portanto, todos devem estar incluídos na escola (grifo nosso). Entretanto, a legislação brasileira, de modo bastante específico, definiu, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que educação especial é uma modalidade de educação escolar oferecida - preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (grifo nosso), sendo garantidos pelo sistemas de ensino com uma gama de ações específicas e adaptações necessárias, como pode ser observado no artigo 59 da referida Lei:

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular (LDB nº 9394/96, com redação dada pela Lei 12.796, de 2013).

Em 2015, o Brasil institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Lei nº 13.146/15, destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais da pessoa com deficiência, visando incluir democraticamente esses indivíduos na vida em sociedade.

3 QUESTIONAMENTOS SOBRE A PRÁTICA INCLUSIVA

Partindo da abordagem anterior, é possível levantar alguns questionamentos:

74

— O que tem sido feito, na prática, para incluir esses alunos que possuem características tão heterogêneas? Como e quais são as propostas inclusivas que estão sendo pensadas e planejadas no interior da escola?

Ao considerarmos a Declaração de Salamanca e a LDB nº 9394/96, que interpretadas direcionam nosso olhar à inclusão de “crianças portadoras de necessidades educativas especiais”, “educandos com deficiência”, somente, estaríamos restringindo outras características necessárias, também de serem incluídas, desse modo, ainda é possível questionar:

— Incluir a quem?

Ao pensarmos em alunos considerados por Lei, como especiais, vislumbraremos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Mas, ao pensarmos em tantas outras diferenças, como cor, religião, características sociais e econômicas, envolveremos um grupo muito maior, com especificidades diversas.

E, quando pensamos em gêneros e raças, teremos muitos outros alunos para participar do processo de inclusão, então, é melhor é melhor abrangermos “TODOS”; todos aqueles que são capazes de aprender.

Educação inclusiva pode ser caracterizada como:

uma educação para todos, onde o ensino inclusivo passa a ser considerado como (...) a prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas. (Karagiannis et al, 1999, p.21).

Educação inclusiva, portanto, é aquela que inclui, que reúne com igualdade de direitos e deveres, diferentes especializadas e características sociais, físicas, econômicas, raciais entre outros fatores.

Entretanto, faz-se necessário, ainda questionar:

— Incluir como?

— Quais atividades poderiam ser elencadas como possibilidades para a realização de um trabalho inclusivo que se considere eficaz?

Não é fácil, elaborar, de imediato, uma listagem com metodologias, técnicas e ou receitas eficazes e inerrantes. Mas, é possível refletir em atividades possíveis de serem desafiadoras, incentivadoras e interessantes ao processo de ensino que despertem o interesse pela aprendizagem e motivem aos diferentes alunos que recebemos nas escolas à caminhada na trilha do aprender.

75

Ao longo de nossa caminhada acadêmica, vimos estudando e construindo hipóteses e alternativas de trabalho que, apesar de não se constituírem como receitas, podem ser utilizadas como possibilidades de atividades criativas, interessantes e desafiadoras. Atividades essas que envolvem os alunos numa construção de teia com propostas que são envolventes e permitem algo que costumamos chamar de “festa do aprender”. E, para que esta “festa” ocorra é necessário um planejamento que seja embasado em uma reflexão profunda sobre a realidade com a qual se estará trabalhando.

Do mesmo modo tais atividades ainda requerem uma observação do momento necessário às adaptações curriculares e pedagógicas que são imprescindíveis para o trabalho educativo com alunos que possuem necessidades educacionais especiais.

Algumas vezes, as possibilidades são pensadas com músicas, quando atividades rítmicas são envolventes, onde o canto que se entoa e o som que se ouve ou se imagina encanta o processo do aprender, criando fortes vínculos com a aprendizagem; outras vezes, o conto, a oralização, a leitura do texto ou do mundo, a dramatização da história, passa a ser uma chave para abrir portas de descobertas

de múltiplos saberes. Há outros momentos que lança-se mão de atividades criadoras, onde mãos e instrumentos (sejam esses musicais, concretos ou abstratos) são usados em forma de arte, de construção individual ou coletiva e despertam o encantamento criador de múltiplas facetas do saber. Todas essas ações abrangem uma ou mais características das múltiplas aprendizagens do ser humano.

A possibilidade de realização de atividades diversificadas para integrar as diferenças permite interação entre alunos, articulação de saberes, desenvolvimento coletivo, descontração entre tantas outras que poderíamos citar.

4 SUGESTÕES DE PROPOSTAS INCLUSIVAS PARA O ENSINO

Nas aulas do Módulo Educação Inclusiva no Ensino da Música, citado anteriormente, aprendemos, na prática, algumas possibilidades de ensino para incluir, para permitir ao aluno com necessidade educativa especial ou não, a se sentir mais um que aprende dentro da sala.

76

A instrumentalidade da música nessa ação inclusiva pode ser inserida no planejamento do educador como meio facilitador e reforçador das aprendizagens dos alunos.

Nesse sentido, Carlos Kater nos faz refletir sobre o que deve ser feito para que este meio de expressão e comunicação habite o maior número possível de espaços, garantindo acesso democrático e direito universal de todos os cidadãos, crianças e jovens inclusos.

O mesmo autor considera:

Na realidade parece sensato considerar a presença da “música” na escola – com as funções diversas que ela pode adquirir na vida social -, porém, mais precisamente, da “educação musical”. Uma educação musical consciente de suas condições de tempo e espaço; contemporânea e apta a conjugar as características do passado e do presente, bem como acolhedora e respeitosa tanto das expectativas quanto das particularidades culturais dos envolvidos. (Kater, In: Porque música na escola? Algumas reflexões texto para estudo, s/d.).

A seguir estão descritas algumas atividades que foram desenvolvidas como vivências práticas em nosso contexto de estudo e aprendizagem, como possibilidades para o processo de inclusão.

Aproveitamos para acrescentar, como sugestões, variações para o planejamento e realização de atividades em aulas práticas. Em algumas, acrescentamos adaptações para serem realizadas com alunos com deficiências sensoriais, físicas, motoras, transtornos globais de desenvolvimento, altas habilidades, entre outras.

4.1 Dibi - dibi - dibi- dá, isso é pra já! (Tatit e Loureiro)

Letra:
DIBI DIBI DIBI DIBI DÁ
ISSO É PRA JÁ
DIBI DIBI DIBI DIBI DÁ
ISSO É PRA JÁ
BATENDO A MÃO NA PERNA
E PALMA E PÉ NO CHÃO
BATENDO A MÃO NA PERNA
E PALMA E PÉ NO CHÃO (BIS)

Desenvolvimento: Dispor a turma em círculo e ensinar a letra da música e depois o movimento. Havendo alunos cegos em sala, solicitar aos alunos que enxergam a auxiliá-los, orientando-os com os movimentos.

Havendo alunos surdos, dispor em fitas e ações os movimentos que serão realizados, explicando através das fitas o tempo de duração de cada movimento.

Havendo alunos cadeirantes, orientá-los a fazer os movimentos dos pés sobre uma mesa.

4.1.1 Variação 1

Esta atividade pode ser realizada para auxiliar os alunos na aprendizagem do ritmo, desenvolvimento da expressão, exploração da fala.

Exemplo: Numa aula de língua portuguesa, quando se trabalha a temática “Trava-língua”, a utilização da atividade é eficaz, principalmente ao aplicar a fonética articulatória e acústica, (por exemplo das letras D e B - oclusivas – alvéolo-palatal e bilabial)

Variação 2: Dividir a turma em grupos e trabalhar com Cânone.

Variação 3: Trabalhar os sons fortes e fracos da música. Os alunos poderiam utilizar canudos e tintas, realizando uma atividade de sopro de tinta no papel, com

sopros fortes e fracos. Ainda com tinta e papel, os alunos poderiam imprimir as marcas de mãos e pés para um mural coletivo. Ao término uma apreciação do trabalho artístico e musical produzido pelos alunos e uma exposição de trabalhos no mural da sala.

4.2 Pega-pegas (Elvira Drummond)

Letra:
QUERO VER QUEM VEM
PARA ME PEGAR
CORRE, CORRE, CORRE, CORRE,
SEI QUE VAI GANHAR

Desenvolvimento: Ensinar a letra e a melodia da música, complementar com o movimento. Após dividir a turma em grupos menores e desenvolver uma atividade com cânone.

4.2.1 Variação 1

78

Trabalhar a música, passando uma(ou várias) bolas, onde as crianças poderiam além do aprendizado musical, trabalhar direção, sentido, lateralidade, movimento e percepção. Por exemplo no momento da expressão “corre, corre, corre, corre” a bola seria passada com bastante rapidez, mas, não poderia cair.

4.2.2 Variação 2

A turma é colocada em grande círculo. Um aluno será escolhido para ficar fora do círculo com um caxixi na mão. Quando a música começar ele circulará em volta do grupo e escolherá um colega para passar o caxixi. O colega escolhido deverá correr atrás dele e se não conseguir alcançá-lo, passará para outro e assim a atividade continua até todos participarem.

4.2.3 Variação 3

Dispor a turma sentada em círculo.

- a) Para alunos surdos, ensinar a música em libras, apresentando movimentos lentos e rápidos, de acordo com a letra.
- b) Para alunos cegos, realizar movimentos com palmas (na parte quero ver quem vem para me pegar), o movimento dos braços, alongando-os, rapidamente, no sentido relógio, quando ouvirem o estalar dos dedos do orientador (na parte corre, corre, corre, corre) e duas batidas com cada pé e um pulo final (na parte sei que vou ganhar).

Esta atividade auxilia na integração e intereção grupal, discriminação de sons, lateralidade e sentido, além de causar um clima harmonioso e divertido entre os participantes.

4.3 Escutei muitos sons (Lourdinha Lima)

Letra:

ANDEI PELO MUNDO E MUITOS SONS ESCUTEI
E VOU DIZER AQUELE QUE MAIS GOSTEI
UM, DOIS, TRÊS
É A SUA VEZ.

79

Desenvolvimento: Solicitação prévia para que os alunos levem para a sala um som diferente. No momento da aula, explorar com os alunos os tipos de sons diferentes que levaram. Ensinar a música para os alunos. Permitir que cada um toque o seu som durante a música, na parte: “é a sua vez”. Dividir a turma em pequenos grupos, de acordo com o estilo de som: sopro, toque, batida, etc. Cantar novamente, colocando uma ordem para a realização da atividade, primeiro os sons emitidos pelo sopro, depois os de toque então, os de batida e assim, sucessivamente.

4.3.1 Variação 1

Todos os alunos podem utilizar o corpo como forma de produção sonora e de silêncio.

4.3.2 Variação 2

Alunos com necessidades educativas especiais:

- a) Surdos, podem usar instrumentos de percussão, para sentirem a vibração sonora;
- b) b)Cegos, podem utilizar vários tipos de instrumentos, como pandeiros, apitos, caxixi, além da própria voz e do corpo, na produção sonora.
- c) Autistas: podem ser orientados a amassar folhas, bater palmas, pés e usar o som da própria voz para a produção de sons diferentes.

80

4.4 Contação de histórias com música

Aproveitar os instrumentos utilizados na atividade anterior, subdividir a turma em grupos e permitir que cada grupo construa uma história e faça uso dos sons diferentes no enredo da história.

Cada grupo deverá apresentar a produção final para os demais grupos. Elvira Drummond em sua dissertação de mestrado considerou:

A literatura abraça a música. Sendo essas artes irmãs, naturalmente nasceram do mesmo viés: o som. Convém sublinhar que a palavra abriga todos os parâmetros sonoros, ou seja, altura, duração, timbre e intensidade, o que possibilita diversas relações entre a urdidura do discurso musical e literário (Drummond, 2002, p.16).

4.4.1 Variação 1

Esta é uma atividade que pode ser utilizada em aulas de língua portuguesa, para o trabalho textual com escrita de contos e histórias, narrativas tradicionais, bem como a representação de sons com desenhos. Trabalhar a oralidade e a desinibição grupal, bem como a criatividade do grupo.

4.2.2 Variação 2

a) Para alunos surdos, os textos produzidos poderiam ser traduzidos em língua brasileira de sinais – LIBRAS e o role-play poderia ser utilizado como forma de expressão.

b) Para alunos cegos os textos poderiam ser dispostos em Braille.

4.2.3 Variação 3

As histórias poderiam receber um tratamento artístico, sendo ilustrada por todos os alunos, de modo coletivo ou em grupo e depois reproduzida como um livro construído pelos alunos.

4.2.4 Variação 4

Havendo produção sonora durante a apresentação, permitir a criação e o registro da melodia numa partitura alternativa, utilizando representações, desenhos ou signos e legenda de identificação.

4.5 Dramatização de histórias com música

A dramatização pode ser uma boa possibilidade para os alunos integrarem-se, socializarem-se e criarem formas de expressão.

Nesse sentido Drummond, sinaliza que “a dramatização oportuniza as crianças a se expressarem numa experiência conjunta, partilhada por todo o grupo, o que implica não apenas encontrar o seu lugar, mas o seu lugar junto ao outro” (Drummond, 2009, p.16).

A autora considera que, recorrendo ao folclore brasileiro, podemos encontrar histórias musicais que auxiliam a representação de personagens, a escolha de instrumentos que podem ser utilizados e a criação de gestos para expressar o discurso musical.

Como exemplo, destaca a canção narrativa “A linda rosa juvenil”, que é composta de várias estrofes e mantém em todas elas a mesma linha melódica, e destaca:

Assim é que os acordes pesados, na região grave, apresentam uma atmosfera sombria, que suscita a presença da bruxa; é a singeleza dos graus conjuntos, na região aguda que dão o caráter do acalanto; os grupos de semi-colcheias, subdividindo o pulso, sugerem o tempo correndo, o romantismo ascendente alude o mato crescendo, os arpejos fluentes, o despertar da linda rosa e é o caráter triunfal dos acordes acompanhados pela descida em graus conjuntos que denunciam o final feliz do conto cantado.(Ibid, 2009,p.16).

As atividades de dramatização auxiliam a compreensão e desenvolvem melhor os potenciais de aprendizagem.

Desta forma, além de dramatizar, poder-se-iam ser utilizados instrumentos musicais para representar os sons e objetos para representar as flores, o mato, o cavalo, caracterizando-se os personagens.

4.5.1 Variação 1

Ler a história, ensinar a música;
Realizar a interpretação textual;
Discutir com o grupo as formas de dramatizar a história.

4.5.2 Variação 2

Para alunos com necessidades educativas especiais, combinar a forma de cada uma apresentar sua expressão.

- a) Cegos poderiam realizar os sons com a batida dos instrumentos de percussão ou utilizar os sons do próprio corpo; os surdos, a representação visual-motora;
- b) Cadeirantes poderiam ser os narradores andantes da história;
- c) Paralisados cerebrais poderiam representar alguns movimentos peculiares com o corpo;
- d) Autistas, poderiam utilizar o movimento com fitas coloridas e o canto na representação da história.

4.5.3 Variação 3

Explorar com a arte, diferentes texturas: pétalas de flores, tipos de mato, lixas, grosso, fino, estreito, largo, fios, pêlos etc.

4.6 Quem veio? (Elvira Drummond)

Letra:
QUEM É QUE VEIO HOJE
QUEM É QUEM É, QUEM É?
DIGA O NOME ANIMADO
BATA PALMA
BATA O PÉ

Desenvolvimento: Usada na rotina diária, para o início de um encontro. As crianças, dispostas em círculo, cantam a música e gesticulam de acordo com a letra.

Esta atividade pode ser trabalhada numa dinâmica de grupo para reconhecimento de nomes, utilizando-se crachás. Também, pode ser utilizada com cada criança representando um som ou uma gesticulação diferente, para integrar e socializar o grupo.

83

4.7 Despedida (Lourdinha Lima)

Letra:
O TEMPO PASSOU TÃO DEPRESSA
QUE EU NEM SENTI PASSAR
E A AULA QUE FOI TÃO BOA
AGORA VAI TERMINAR
DIGO TCHAU PRA VOCÊ TCHAU, TCHAU
TAMBÉM DIGO PRA VOCÊ TCHAU TCHAU
ME DESPEÇO DE TODOS COM BEIJINHOS
VOU PRA CASA COM VONTADE DE FICAR.
VOU PRA CASA COM VONTADE DE FICAR.

Desenvolvimento: No encerramento da aula, as crianças cantam como forma de despedida. Esta canção pode ser ensinada com os sinais da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, a fim de que, se houverem ou não alunos surdos, todos possam aprender a linguagem de sinais.

4.8 Atividade de apreciação musical

Escolhe-se um tema e uma música para ser desenvolvida.

Processa-se a leitura e a interpretação da letra.

Procura-se conhecer o autor e as razões da escolha do tema.

4.8.1 Variação 1

Trabalho com a criação artística – dramatização, desenho, pintura, dobradura, recorte, colagem, entre outros.

4.8.2 Variação 2

Exploração dos sentidos com atividades lúdicas: grosso, fino, mole, duro, áspero, macio, liso, além de formas: quadrado, retangular, circular.

4.8.3 Variação 3

Criação de paródia musical com os alunos.

Durante as aulas de educação musical inclusiva, o professor pode explorar o movimento – que é uma parte natural de toda a aprendizagem. O movimento auxilia o grupo na liberação de tensões, ajuda o corpo a apreender conceitos, conduz à diferentes tipos de interação social. O professor pode, ainda, desenvolver com o grupo, dinâmicas de relaxamento, onde se percebe a diminuição da tensão grupal, entre as atividades de relaxamento, poder-se-iam lançar mão de exercícios respiratórios de inspirar e expirar, deitar no chão fechar os olhos e ouvir os sons que estão a sua volta, movimentos para esticar o corpo para um lado e para o outro, para cima e para baixo, e por último, ouvir a experiência dos alunos com tais atividades.

5 UMA OBSERVAÇÃO INCLUSIVA

Cabe ressaltar, que pessoas com necessidades educativas especiais podem ou não apresentarem dificuldade no aprendizado da música e de seus conceitos (como notação, altura, timbre, valores, tempo etc.), desse modo, cabe ao professor observar e proporcionar momentos com atividades práticas e concretas, com pinturas, representações, desenhos, símbolos, expressão de movimentos – como caminhar, correr, parar - utilizar jogos, cartelas, enfim, materiais concretos e estimuladores para a aprendizagem.

Realizar parcerias com instituições que já possuem uma adaptação curricular e materiais próprios para o trabalho com alunos especiais pode resultar em benefícios para o processo de ensino.

Assim, entendemos que planejar ações inclusivas para esse público torna-se rica experiência pedagógica para o educador, principalmente quando o planejamento é viabilizado de forma prática.

85

Atividades musicais são excelentes oportunidades para inclusão de alunos especiais, como considerou a professora Lisbeth Soares em sua experiência com educação especial:

Desenvolver a musicalidade; Ampliar o repertório, trabalhando com músicas de diferentes compositores, épocas e estilos; Proporcionar o contato com instrumentos variados; Aprimorar a atenção e a concentração. De maneira geral este trabalho musical tem apresentado bons resultados e contribuído para confirmar a importância da Educação Musical no contexto da Educação Geral (Extraído de texto PDF. postado no Sigaa/UFRN em 09/03/16)

Atividades com Artes são destacadas pela Professora Lisbeth Soares como de fundamental importância para o desenvolvimento do aluno, pois,

Quanto mais o aprendiz tiver oportunidade de ressignificar o mundo por Meio da especificidade da linguagem da arte, mais poder de percepção sensível, memória significativa e imaginação criadora ele terá para formar consciência de si mesmo e do mundo.(MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998).

O modelo holístico, que auxilia a perceber o aluno como um todo e agir com empatia, é uma das possibilidades para identificar as dificuldades do grupo e poder

auxiliá-lo a sanar a dificuldade enfrentada seja em grupo ou individual. Respeitar os limites individuais é um grande desafio nem atividades que explorem o conhecimento e incentivem a pró-atividade individual no grupo.

Atividades de apreciação, jogos musicais, canto, contação de histórias, dramatizações, enfim, todos os recursos devem ser disponibilizados para auxiliar o processo de inclusão. Tais ações alcançarão tanto os alunos com necessidades especiais, como os demais alunos. Por certo, os resultados estarão presentes no processo de aprendizagem. Para o professor, a possibilidade de aprender a lidar com as diferenças poderá ser o diferencial de uma prática inclusiva.

6 SUGESTÕES PARA O ATO DO PLANEJAR

Há algumas propostas¹ para serem refletidos durante o momento de planejamento de atividades inclusivas. Vale afirmar que não são regras, nem tão pouco “receitas”, mas orientações que o professor poderá levar em conta ao planejar suas aulas:

86

- Organizar uma rotina diária;
- Partir do conhecido para o desconhecido;
- Repetir o mesmo conceito de diferentes maneiras a fim de que o aluno tenha mais chance de absorver o conhecimento
- Retomar canções e músicas aprendidas anteriormente;
- Ao usar instrumentos em uma atividade de aula, usar poucos de cada vez para não causar uma “poluição” na aprendizagem e garantir que os alunos se identifiquem com eles;
- Utilizar todos os instrumentos que levar para uma aula, a fim de não desapontar as expectativas;
- Orientações de trabalho cantadas são mais apropriadas ao invés de falados, pois chamam mais a atenção dos alunos;

¹ As propostas em destaque foram apresentadas em slide pela professora Catarina Shin, como “Dicas” para o trabalho com Educação Musical inclusiva. As mesmas foram adaptadas neste artigo, pela autora, como propostas orientadoras para o educador refletir no ato do planejamento de sua aula.

- Desenvolver atividades com materiais concretos e lúdicos são mais incentivadores à aprendizagem;
- Planejar atividades que encorajem a criatividade dos alunos;
- Planejar aulas que misturem atividades práticas auditivas, visuais, criativas, que agucem os sentidos;
- Encorajar, sempre, porém sem alarde, os trabalhos bem feitos e reconhecer todos os esforços.

7 CONSIDERAÇÕES SOBRE A AVALIAÇÃO

Após refletirmos sobre atividades e possibilidades descritas anteriormente, ainda resta-nos um questionamento:

— E avaliação, como deve ser?

Avaliação consiste em avaliar a ação que é desenvolvida tanto pelo professor quanto pelo aluno. O momento avaliativo dará respostas em relação ao alcance dos objetivos propostos para a aula.

Celso Antunes², nos permite refletir que a avaliação é a decorrência de um Processo normal de aprendizagem. E para realizá-la, o professor carece ter os recursos necessários para perceber o aluno no seu todo. Por isso, o professor, durante o planejamento, prevê possibilidades avaliativas que poderão ser utilizadas e como e em quais momentos e oportunidades os registros serão feitos.

Creemos que não seja novidade para nenhum professor que o feedback é o retorno que o professor recebe para realizar um (re)planejamento ou dar sequência ao planejamento anterior. Sobre esse aspecto, Gardstrom complementa:

Um dos desafios que nós encaramos como educadores é como melhor avaliar nossos alunos em música. A classificação é um aspecto necessário do que fazemos. Não só estamos esperando fornecer feedbacks periódicos sobre a quantidade e qualidade da performance dos nossos alunos para os pais, colegas e administradores, mas nós mesmos necessitamos de alguns meios para medir mudanças – com a esperança de progressos em direção à mestria – entre os jovens músicos em nossas aulas e conjuntos. A importância da avaliação pode ser ampliada para aqueles de nós que ensinam a alunos com necessidades especiais. Muitas dúvidas emergem: como avaliar de forma válida e confiável? Nós podemos ser confrontados com o dilema de desenvolver e implementar um sistema de avaliação que

² Extraído de DVD - Avaliação da Aprendizagem - coleção Celso Antunes II.

mantém as normas e expectativas do sistema escolar em que ensinamos, ainda que permita diferenças individuais de habilidade. Isto é particularmente evidente em classes heterogêneas em que alunos demonstram uma ampla gama de comportamentos cognitivo, físico, emocional ou funcional (...) A avaliação de alunos com necessidades especiais pode ser um processo complicado. Às vezes pode sentir como sendo um esforço desnecessário... é nossa responsabilidade não só envolver alunos com necessidades especiais no sentido ativo e receptivo das experiências musicais, mas conceber e implementar um sistema crível e equitativo para monitorar e reportar seus progressos (GARDSTROM, 2007. Páginas 21 e 22).

8 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar utilizando alternativas criativas requer um planejamento mais antenado e direcionado aos agrupamentos de alunos. Ensinar com alunos inclusos requer, ainda, a consciência do desenvolvimento de adaptações curriculares e físicas, acrescentando atividades criativas e enriquecedoras para aqueles que, de modo geral, necessitam de “atenção especial”.

Portanto devemos trazer sempre a mente que não podemos descartar as oportunidades existentes para refletir nos momentos de planejamento sobre propostas criativas, com diferentes objetos, nos momentos inclusivos das aulas; momentos esses em que estaremos resgatando valores humanos, como amizade, cooperação, solidariedade e respeito, integrando e sendo integrado a grupos distintos, construindo saberes e atitudes positivas além das oportunidades para desenvolver aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores, contribuindo para a formação de alunos participantes, criativos e cientes de suas responsabilidades, com uma aprendizagem significativa, alegre, espontânea e eficaz.

Considerando, ainda que avaliar faz parte do processo, e que reconhecer o desempenho e crescimento dos alunos inclusos através de observações e registros auxiliará no planejamento e execução das atividades de aula.

Nossa proposta aqui foi a de permitir momentos de reflexão sobre práticas inclusivas, independentemente de ocorrerem em aulas de “educação musical”, mas onde o ensino das letras, da musicalidade, dos contos e das artes também se façam presentes, com alegria, criatividade e também, com muita seriedade.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Daniela. **Revista Nova Escola**, fev. 2013. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br>. Acesso em 16 mar. 2016.

ANTUNES, Celso. **ATTA Mídia**. Disponível em: <https://youtu.be/L0zo17LNq9g>. Acesso em 22 mar. 2016.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 13.146/15**.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva**: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

DRUMMOND, Elvira. **A lira de Orfeu nas narrativas tradicionais infantis**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Ceará, 2002.

_____. **Ludicidade**: eixo da Educação Musical. Fortaleza: LMiranda Publicações, 2009.

_____. **Vivência Musical**. Fortaleza: LMiranda Publicações, 2009. Coleção Musicalização, v.1.

_____. **Voz e Corpo**. Fortaleza: LMiranda Publicações, 2009.

GALIZIA, Fernando Stanzione. **O pedagogo e o ensino de música nas escolas**. São Carlos: EdUFSCar, 2011.

GARDSTROM, Susan C. Evaluating Special Learners. In: BERNSTORF, Elaine et al. **Spotlight on making music with special learners**: selected articles from State MEA Journals. Maryland (USA): Rowman & Littlefield Education, 2007, p. 21-22. Tradução livre. Arquivo pessoal de Catarina Shin Lima de Souza, postado no SIGAA/UFRN. Acesso em 09 mar. 2016.

KARAGIANNIS, A; STAINBACK, W; STAINBACK, S. Fundamentos do Ensino Inclusivo. In: STAINBACK, W; STAINBACK, S. (orgs.). **Inclusão um guia para educadores**. Porto Alegre, Artmed Editora, 1999. p. 21-31.

KATER, Carlos. **Porque Música na Escola?** algumas reflexões. Texto para estudo, s/d.

LOURO, Viviane dos Santos. As características que norteiam a educação musical inclusiva de portadores de deficiência. In: **Revista Nacional de Reabilitação**, n. 32, ano 4, maio/jun. 2003, p. 2-3.

LOURO, V.S.; IKUTA, C.Y.S.; NASCIMENTO, M.F. Música e deficiência: levantamento de adaptações para o fazer musical de pessoas com deficiência

física. In: **Arquivos Brasileiros de Paralisia Cerebral**, 2005. p. 11-18.

MANTOAN, Maria Teresa E. Caminhos pedagógicos da educação inclusiva. In: Gaio, R. e MENEGHETTI, Rosa G. K (org). **Caminhos pedagógicos da educação especial**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004. p. 79-94.

MEDEIROS, Maria de Lourdes Lima de Souza. **Cantar é tão bom!** Natal: Editora do IFRN, 2014.

MENDES, Rodrigo Hubner. **O pleonasmo da Educação Inclusiva**, 2012. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br>. Acesso em 20 mar. 2016.

GONÇALVES, Martha Abrantes. **Educação musical e inclusão escolar**: uma aproximação teórica. Monografia - Instituto Villa-Lobos: UFRJ, 2006.

SOARES, Lisbeth. **Atividades Musicais na escola especial**. Texto postado no SIGAA/UFRN. Acesso em 09 mar. 2016.

TATIT, Ana; LOUREIRO, Maristela. **Desafios Musicais**. Melhoramentos: São Paulo, 2014.